

**UMA ANÁLISE VERBO-GESTUAL DE OCORRÊNCIAS
METAFÓRICAS DO DÊITICO LOCATIVO-ESPACIAL “HERE”
EM DADOS MULTIMODAIS**

Victor Lima dos Santos (UESB)

victorlima.letras@gmail.com

Caique Souza Alves (UESB)

caique.souza.uesb@gmail.com

Maíra Avelar (UESB)

mairavelar@uesb.edu.br

RESUMO

De acordo com Lakoff & Johnson (1980), o fenômeno da metáfora é dinamizado a partir do nosso sistema conceptual. Esse sistema conceptual pode ser estudado e analisado com base em aspectos da vida cotidiana, e um desses aspectos é a própria linguagem verbo-gestual. Este trabalho objetiva, portanto, analisar as metáforas presentes, especificamente, em enunciados dêiticos, isto é, expressões frequentemente associadas aos Gestos de Apontar (KENDON, 2004), estabelecendo uma relação referencial entre o discurso, o enunciado e as condições de espaço e tempo em que ocorrem (AVELAR; FERRARI, 2017). Dito isto, o presente trabalho analisou duas ocorrências verbo-gestual do dêitico locativo-espacial “here” (aqui) coletada na base de dados multimodais *The Distributed Little RedHenLab* (UCLA) e do site *Youghlish*. Os dados videogravados foram analisados na plataforma *Elan* (SLOETDJES; WITTENBURG, 2008), em uma trilha de análise que verificou elementos como conteúdo verbal, direção do movimento, posição espacial do gesto, qualidade do movimento, função do gesto etc. A análise das ocorrências evidencia a presença da metáfora conceptual “A VIDA É UMA JORNADA” e demonstra que ocorrências gestuais metafóricas podem fornecer pistas acerca do modo como conceptualizamos o tempo-espaço imediato, na interação face a face, com base em nossas concepções culturais mais profundas, percepção, experiência e crenças convencionalizadas.

Palavras-chave:

Dêitico. Gestos. Metáfora.

ABSTRACT

According to Lakoff & Johnson (1980), the phenomenon of metaphor is dynamized from our conceptual system. This conceptual system can be studied and analyzed based on aspects of everyday life, and one of these aspects is the verb-gestural language itself. This work aims, therefore, to analyze the metaphors present, specifically, in deictic statements, that is, expressions often associated with Pointing Gestures (KENDON, 2004) that establish a referential relationship between the discourse, the utterance and the conditions of space and time in which they occur (AVELAR; FERRARI, 2017). That said, the present work analyzed two verbo-gestural occurrences of the deictic locative-spatial “Here” collected in the multimodal database “The Distributed Little Red Hen Lab” (UCLA) and the Site *Youghlish*. The videotaped data

were analyzed on the Elan platform (SLOETDJES; WITTENBURG, 2008), in an analysis track that verified elements such as verbal content, direction of movement, spatial position of gesture, quality of movement, gesture function, etc. The data shows the presence of the conceptual metaphor “LIFE IS A JOURNEY” and demonstrates that metaphorical gestural occurrences can provide clues about the way we conceptualize immediate time-space, in face-to-face interaction, based on our deepest cultural conceptions, perception, experience and conventionalized beliefs.

Keywords:

Deictic. Gestures. Metaphor.

1. Introdução

Dentro dos estudos da Linguística Cognitiva (LC), área que estabelece um novo paradigma na Linguística, a linguagem é pervasiva na vida cotidiana, e está relacionada às ações e à estruturação dos nossos pensamentos. Compreende-se que a LC tem foco no experiencialismo dos falantes com o mundo e na correlação existente entre linguagem, cognição e corpo, o que contribuiu para uma concepção de linguagem e de língua como categorias prototípicas, isto é, categorias com membros centrais/protótipos e membros periféricos. De acordo com Cienki (2016), isso significa que o fenômeno da linguagem/língua seria formado por itens lexicais, no centro prototípico, relacionados com itens periféricos de natureza multimodal, como entonação, sons não lexicais e diferentes gestos.

Especialmente os conceitos de experiência e corporificação para a linguagem pressupõem que “a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal” (FERRARI, 2011, p. 21). Nesse contexto, muitas pesquisas têm se interessado pela interação entre linguagem e outras modalidades semânticas, como os gestos. De acordo com Cienki (2016), justamente pelas suas concepções corporificadas, a LC é a área que mais tem abraçado os estudos de gestos na Linguística, propondo contribuições teóricas e metodológicas mútuas.

Os estudos dessa interface têm proporcionado comprovações empíricas sobre fenômenos relacionados ao nosso sistema conceptual que antes eram apenas intuitivos. A metáfora, por exemplo, é um desses fenômenos que ganhou maior atenção, pois, a metáfora é também um fenômeno mental, não apenas linguístico, e, como tal, seria refletido nos gestos dos falantes (Cf. CIENKI, 2016).

No presente trabalho, objetivamos discutir, brevemente, duas o-

corrências multimodais e verbo-gestuais do dêitico locativo (de lugar) *Here* (aqui) em dois dados videogravados e com trocas comunicativas distintas. Consideramos ambas as ocorrências metafóricas, e não referenciais, ou seja, nosso interesse de análise não consiste em meramente identificar a existência da metáfora conceptual, mas discutir o conteúdo metafórico. Em uma das ocorrências, o falante é um entrevistado em um programa jornalístico, e na segunda, o falante é um palestrante, em um auditório.

2. Revisão bibliográfica

Embora a tradição dos estudos literários tenha associado a metáfora à criação de estruturas narrativas, ligada a estilo e forma, em obras de ficção e também, como artifício retórico, ou adorno literário, os estudos mais recentes da LC provam que, em nosso sistema conceptual ordinário, nós, basicamente, pensamos dentro de uma natureza metafórica. Logo, nosso sistema conceptual é amplamente metafórico, a forma que pensamos, o que nós experienciamos, e o que fazemos no nosso dia a dia, se dá por meio de metáforas (Cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980). A metáfora conceptual é, então, não-arbitrária, e está baseada em nossas experiências físicas e culturais, além de estar ancorada na nossa experiência corporificada.

Argumentando acerca da construção de um sistema conceptual metafórico, os autores (1980) apresentam a organização cognitiva e social da metáfora conceptual “DISCUSSÃO É GUERRA”. É interessante percebermos que nós não apenas falamos sobre argumentos em termos de guerra, mas nós realmente vencemos ou perdemos argumentações. Visualizamos pessoas, em uma argumentação, como oponentes. Atacamos as posições dessas pessoas e defendemos as nossas próprias. Ganhamos e perdemos terreno. Nós planejamos e utilizamos estratégias. E se nós consideramos uma posição indefensável, nós podemos reestruturar a estratégia e escolher uma nova linha de ataque. Muitas das coisas que nós fazemos em uma argumentação são estruturadas pelo conceito de guerra. Então, não é precisamente uma batalha física, bélica, mas uma batalha verbal (Cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Essa metáfora conceptual mais ampla pode ser desdobrada em outras estruturas metafóricas como:

- (i) Ele atacou todos os pontos fracos do meu argumento;
- (ii) Eu nunca venci uma discussão com ele;
- (iii) Se você usar essa estratégia, ele vai acabar com você.

Precisamente, a metáfora conceptual molda a forma que visualizamos um evento social, bem como o seu vocabulário. Por exemplo, o *tempo*, em nossa cultura ocidental, é um recurso que nós utilizamos para alcançar e organizar os nossos objetivos. A metáfora conceptual “TEMPO É DINHEIRO” instancia as relações de trabalho e desenvolvimento do nosso mundo do trabalho, no qual o tempo pode ser precisamente quantificado. As metáforas, também, moldam a forma como entendemos a vida e o mundo, numa dinâmica para mobilizar em escala de compreensão humana o significado de algo abstrato, que pode ser mais complexo de ser entendido.

Outro bom exemplo é o da metáfora conceptual “A VIDA É UMA JORNADA”, foco desse manuscrito, que nos ajuda a compreender a existência e suas ações como meta-trajetória a ser percorrida e cumprida.

Dentro da interface com a qual trabalhamos, advogamos que metáforas conceptuais como essas, juntamente com as concepções culturais e percepções convencionalizadas dentro da experiência humana no mundo também refletidas nos gestos.

Nesse sentido, visando contribuir com os estudos sobre as metáforas que permeiam nosso sistema conceptual ativadas por meio de gestos, propomos a análise da metáfora conceptual “A VIDA É UMA JORNADA” em duas ocorrências gestuais dêiticas locativo-espaciais.

2.1. A metaforicidade em gestos

De acordo com Lakoff & Johnson (1980), o fenômeno da metáfora é dinamizado a partir do nosso sistema conceptual. Esse sistema conceptual pode ser estudado e analisado com base em aspectos da vida cotidiana, e um desses aspectos, é a própria linguagem. Pensando sobre a experiência e sobre o sistema sensorial humano, os autores definem três tipos de metáforas conceptuais que estruturam a forma com que pensamos, agimos e percebemos: (i) metáforas orientacionais; (ii) metáforas ontológicas; (iii) metáforas estruturais.

Metáforas do tipo estruturais ocorrem em casos em que um conceito abstrato é estruturado metaforicamente com termos e aspectos de outro conceito de natureza mais concreta, ou seja, quando se tem um domínio-fonte e um domínio-alvo. A exemplo disso, os autores apresentam a metáfora conceptual “AMOR É VIAGEM”, constituída pela intersecção e mapeamentos entre os conceitos de amantes e viajantes. O amor seria, então, um caminho percorrido por indivíduos, o destino de uma viagem.

Segundo Ferrari (2011), a mesma metáfora AMOR É VIAGEM pode ser refletida em diferentes expressões metafóricas:

- (i) O relacionamento chegou a um beco sem saída.
- (ii) Ela pretende voltar para o ex-namorado.
- (iii) O casamento deles está à beira de um precipício.

Pensando nisso, é importante pontuar o conceito de Esquemas Imagéticos. “Esquemas Imagéticos são, precisamente, estruturas da nossa experiência sensorio-motora básica, pela qual encontramos um mundo que podemos entender e no qual podemos agir” (FERRARI, 2011). Sendo assim, os EI constituem “um padrão recorrente e dinâmico recorrente das nossas interações que dão coerência e estrutura à nossa experiência” (JOHNSON, 1987, p. 18). Estes esquemas imagéticos se dividem em: recipiente; ciclo, força, trajetória, objeto.

Importante afirmar que a formulação da Metáfora como um fenômeno conceptual amplo ganhou reconhecimento empírico a partir de pesquisas como a de gestos, realizada por McNeill (1992; 2005). Segundo o autor, os gestos metafóricos são incluídos como um dos quatro tipos de gestos espontâneos que co-ocorrem com a fala. Esses quatro tipos são: (i) Rítmicos; (ii) Dêiticos; (iii) Icônicos e (iv) Metafóricos.

Partindo então da ideia de que os gestos podem ser analisados como expressões de metáforas conceptuais, Avelar e Mendes (2015), em consonância com Cienki e Müller (2008), explicam que os gestos possuem funções que vão além de apenas ilustrar o conteúdo semântico verbalizado, eles são modos independentes de articulação que podem, inclusive, transmitir metáforas, mesmo estas não sendo transmitidas pelo conteúdo verbal. Em outras palavras, “gestos podem descrever especificamente elementos do domínio de origem de uma metáfora⁸³” (AVELAR;

⁸³ Gestures can specifically describe elements from the source domain of a metaphor.

MENDES, 2015, p. 346).

Ainda segundo os autores (2015), há uma variedade de razões comunicativas pelas quais gesticulamos no momento da fala, a principal, nas palavras de Gibbs (2006, p. 450 *apud* AVELAR; MENDES, 2015, p. 346), é que “esses gestos incorporam (‘dão corpo a’) ideias metafóricas abstratas e, às vezes, precedem a linguagem falada para melhorar a compreensão do ouvinte sobre as intenções comunicativas complexas e abstratas do falante”. Nesse contexto, a relação entre gesto e fala pode ser bastante complexa, uma vez que os gestos podem vincular metáforas conceptuais que coincidem com o discurso ou despertar novas metáforas, como uma espécie de gatilho para outras expressões metafóricas. Há casos, também, em que expressões metafóricas não são expressas em gestos, e ainda há casos de baixa metaforicidade gestual, é o caso dos gestos rítmicos com função de ênfase no discurso (Cf. AVELAR; MENDES, 2015).

Em relação a esses graus de metaforicidade, de acordo com Müller (2008), as metáforas são convencionalizadas de tal forma no nosso uso que, algumas expressões metafóricas podem ser dificilmente reconhecidas pelos falantes ou mesmo não identificadas nessa modalidade. Müller (2008) aponta que a suposição básica e comumente aceita de teorias da metáfora, é que metáforas verbais podem estar mortas ou vivas. A seguinte citação é de um dos estudiosos de metáfora mais influentes do século XX – Max Black – e pode servir como uma ilustração representativa: “Pois a única classificação entrincheirada está fundamentada na oposição banal (ela mesma expressa metaforicamente) entre metáforas ‘mortas’ e ‘vivas’.” (BLACK, 1993, p. 25).

Esta classificação bem estabelecida de metáforas é explicitamente desafiada por George Lakoff e Mark Turner, visto que afirmam que uma grande quantidade das chamadas metáforas mortas (isto é, expressões metafóricas convencionais) estão de fato vivas: “Determinar se uma dada metáfora está morta ou apenas inconscientemente convencionalizada nem sempre é uma questão fácil. (...) No entanto, existem muitos casos claros de metáforas convencionalizadas básicas que estão vivas - centenas delas – certamente o suficiente para mostrar que o que é convencional e fixo não precisa estar morto” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 130). Essa concepção está em nítido contraste com as visões tradicionais, citadas anteriormente, que sustentam que apenas metáforas novas e poéticas devem ser consideradas vitais ou vivas. As metáforas mostram claramente que os domínios-fonte das metáforas verbais convencionalizadas po-

dem estar ativos para um determinado falante/escritor em um determinado momento no tempo e podem não estar ativos para outro falante/escritor em outro momento no tempo (MÜLLER, 2008). Essa observação tem consequências teóricas importantes para uma teoria da metáfora, uma vez que sugere que a metaforicidade não é meramente uma propriedade de um item linguístico, mas a realização cognitiva de um falante/escritor ou ouvinte/leitor.

Müller (2008) apresenta a perspectiva de que metáforas não precisamente estão mortas ou vivas, uma crítica à visão dicotômica mais tradicional, mesmo a de Lakoff e Johnson (1980). Para a autora, algumas metáforas estão adormecidas, e podem ser ativadas pelos falantes/escritores de uma dada língua por meio de estruturas linguísticas e ações de interação. Ao questionar a posição tradicional, Müller (2008) propõe uma visão dinâmica acerca da estrutura das metáforas, da ativação da metaforicidade no uso, da gradualidade das metáforas, da independência de modalidade e de outros pontos essenciais para entender o processo de uso cognitivo desse fenômeno. Segundo a autora (2008, p. 2), essa visão dinâmica, no tempo de publicação da obra, “tem consequências fundamentais para uma teoria da metáfora e – como devo sugerir – é uma lacuna não preenchida nas reflexões ocidentais contemporâneas e tradicionais sobre a metáfora⁸⁴”. Essa visão também possibilita uma investigação e localização de metáforas em outros meios não convencionais, como imagens e gestos.

De acordo com a visão dinâmica de Müller (2008), haveria quatro princípios fundantes do fenômeno da metáfora: 1) ela seria uma forma específica de atividade cognitiva, visão que põe em xeque as concepções tradicionais da metáfora como propriedade estática das palavras; 2) teria uma estrutura triádica, ou seja, um domínio fonte, um domínio alvo e o processo de mapeamento entre domínios; 3) seria independente de modalidade e 4) dependeria do caráter processual do uso da linguagem, a análise da língua-no-uso.

Tomando o quarto princípio a fundo, a estudiosa (2008) apresenta um exemplo de um indivíduo que, no momento da comunicação, utilizou um gesto que produziu uma metáfora considerada morta, mostrando que as metáforas mais convencionalizadas não morrem na língua, mas estão

⁸⁴ This dynamic view has fundamental consequences for a theory of metaphor and – as I shall suggest – is an unfilled gap in contemporary and traditional Western reflections on metaphor.

adormecidas e podem ser despertadas, no uso, por outras modalidades, como os gestos, logo, sua conclusão é que os gestos incorporam aspectos dos domínios de origem das metáforas verbais, criando metáforas multimodais.

2.2. A Dêixis e os gestos

Gestos, para Kendon (2013) são ações de interação visíveis. Com base em padrões de posicionamento, espaçamento, direção do olhar que os participantes de uma cena enunciativa provêm, pode-se apreender informações sobre a natureza e o nível de envolvimento dos falantes em uma dada situação comunicativa. Ações direcionadas a objetos ou configurações do ambiente de enunciação fornecem informações sobre os desejos, objetivos e interesses das pessoas (Cf. KENDON, 2013). Kendon (2004) propõe que o gesto manual passa por três fases principais: preparação, na qual ocorre o movimento inicial da mão, golpe, na qual é manifestada a dinâmica de movimento de “esforço” e “formato” com melhor clareza, e descanso (retração), na qual a mão relaxa ou é recuada.

Nos Estudos de Gesto da Linguística Cognitiva, as expressões dêiticas são frequentemente associadas aos Gestos de Apontar (Cf. KENDON, 2004). Tais ações estabelecem uma relação referencial entre o discurso, enunciado e as condições de espaço e tempo em que ocorrem (Cf. AVELAR; FERRARI, 2017). Especificamente, os gestos dêiticos locativo-espaciais, foco desse manuscrito, prototipicamente, desempenham papel referencial na linguagem, mas, aqui, nos ateremos à função não referencial, em que a metaforicidade possui um maior grau de visibilidade, e na qual se pode observar a ocorrência da metáfora conceptual “A VIDA É UMA JORNADA”.

É interessante notar que embora a dêixis tenha o significado de apontar para um referente fora do texto, o que nos faz pensar que seu referencial necessariamente seria concreto, o trabalho de Avelar (2016) apontou que a expressiva maioria dos gestos de apontar do seu *corpus* tinha um referente abstrato, o que os remetia a uma metáfora conceptual. Segundo a autora (2016), corroborando McNeill, Cassell e Levy (1993), o gesto, neste caso de dêixis, preenche o espaço vazio em uma transposição do objeto físico no espaço abstrato.

3. Metodologia

3.1. Corpus

O primeiro dado videogravado coletado para análise, no presente trabalho, faz parte de uma coleta empreendida por membros do Laboratório de Linguística Cognitiva e Estudos de Gesto (LabGest), e corresponde a uma ocorrência verbo-gestual do dêitico “Here”, na Língua Inglesa. Foi coletado na base de dados multimodais The Distributed Little RedHenLab (UCLA), uma base de vídeos que possibilita ao pesquisador acesso às gravações de programas televisionados em uma série de países, para fins de análise e pesquisa linguística. Já o segundo dado, foi extraído de uma palestra, disponível no *YouTube*, encontrado por meio da ferramenta de busca Youglish, plataforma na qual é possível buscar termos específicos em língua inglesa, para aperfeiçoamento da pronúncia de estudantes da língua.

É muito importante, para análises como a deste trabalho, que os dados sejam videogravados e de ocorrências espontâneas (Cf. CIENKI, 2016), ou seja, dados nos quais os falantes não emulem seus movimentos corporais, mas, sim, que as ações ocorram de modo natural em concomitância com o discurso falado. É necessário, também, que as mãos estejam bem visíveis para identificação dos movimentos.

Figura 1: Dado do LabGest (2019).



Figura 2: Dado dos pesquisadores (2022).



3.2. Procedimentos de análise

Os dados foram analisados na plataforma Elan (Sloetdjes & Wittenburg, 2008), em uma trilha de análise que verificou elementos como conteúdo verbal, direção do movimento, posição espacial do gesto, qualidade do movimento, função do gesto etc. Dentro da mesma trilha de análise, é possível prover uma transcrição do discurso falado, bem como identificar se a ocorrência é, ou não, metafórica.

4. Resultado e discussão

Dado1:



*Dado do LabGest – RedHen (2019).

Gesto: Mãos abertas com as palmas na vertical, movimento preciso para a direita, a uma distância média do corpo.

(“Follow me, **here’s where we’re going**”) /
(“Me sigam, **aqui é onde estamos indo**”)

Na ocorrência acima, o falante utiliza a expressão dêitica “Here”, em Inglês, de modo não referencial. É importante observar a configuração de mãos, quando ele utiliza ambas as mãos para simular um movimento orientado para a direita, as duas mãos emulando o que seria um “rumo”, e as duas sendo encaminhadas para uma direção a ser seguida, o “caminho correto”. A ocorrência verbo-gestual é seguida da estrutura imperativa “Follow me (Me sigam)”, o que enfatiza ainda mais a ideia de trajetória e caminho. “Caminho” dentro de uma ocorrência como essa, indiciado pelo discurso falado e pela coocorrência gestual, seriam decisões que os indivíduos tomam na vida, dentro de suas várias instâncias,

sejam elas sociais, culturais, políticas, religiosas, ou seja, “caminhos” dentro desta jornada maior, que é a própria existência.

Dado 2: “Certo, aqui é onde eu estou, aqui é onde eu preciso estar e aqui é onde eu quero estar”.



Dado dos pesquisadores – Youtube (2022).

Gesto 1: Mãos abertas com as palmas levemente na diagonal, movimento preciso para a esquerda, em uma distância média do corpo.

Gesto 2: Mão esquerda permanece aberta, na diagonal, em distância média do corpo / Mão direita com a palma aberta levemente na vertical, movimento preciso para a direita, a uma distância média do corpo.

Gesto 3: Mão esquerda permanece aberta, na diagonal, em distância média do corpo / Mão direita com a palma aberta na vertical, movimento preciso para a direita, a uma distância longa do corpo.

(“OK, here’s where I am at, here’s where I need to be, where I want to be.”) /
 (“Certo, aqui é onde eu estou, aqui é onde eu preciso estar e aqui é onde eu quero estar”)

Em um primeiro momento, esse trabalho provia a análise apenas do primeiro dado, já discutido. Contudo, optamos por selecionar uma segunda ocorrência metafórica.

No dado acima, o palestrante interage com o auditório por meio de um discurso de cunho motivacional, relacionado à busca de objetivos e aspirações de carreira. Tal abordagem se revela na ocorrência verbo-gestual selecionada. Naturalmente, muitas vezes, concretizar objetivos de carreira e vida é bastante relacionado, e de modo convencionalizado, com trajetórias, com o alcance de uma “linha final” ou “níveis”, que comungam bastante com a ideia de pódio.

No primeiro gesto, com um movimento para a esquerda, o falante aponta para um nível mais baixo, que consistiria na vida cotidiana e ordinária de determinado sujeito, o segundo gesto estaria para a representa-

ção de um nível mais elevado, uma expectativa em relação sobre onde o indivíduo em questão pode projetar seus objetivos e realidade, por meio do trabalho e carreira, possivelmente. Já o terceiro gesto, constitui a representação de um nível ainda mais elevado, que é onde o indivíduo objetiva, ou sonha estar.

É interessante a relação de sentido que é estabelecida entre a expectativa do lugar onde uma pessoa *está*, que estaria associado à estagnação, algo negativo – refletido na ação corporal executada para a esquerda; onde uma pessoa *precisa* estar, um nível mais elevado, que consistiria em uma expectativa social a ser cumprida, e que é positivo – movimento executado para a direita; e, finalmente, onde uma pessoa *quer* estar, que está no campo da realização pessoal máxima.

5. Considerações finais

Dentro da Linguística Cognitiva e dos Estudos de Gesto, compreendemos que os gestos fazem emergir estruturas metafóricas e conceituais em cenas de interação, visto que a metáfora conceitual se ancora na experiência corporal e sensorial humana para se dinamizar (Cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Analisar metáforas conceituais, como as que foram discutidas acima, em gestos, pode fornecer pistas acerca do modo que conceitualizamos o tempo-espaco imediato, na interação face a face, com base em nossas concepções culturais mais profundas, percepção, experiência e crenças convencionalizadas.

Vale notar, ainda, a materialização de convenções conceituais profundas, como “caminho” a ser seguido, com o direcionamento da ação corporal para a direita, no primeiro dado. Já na segunda ocorrência, há uma hierarquização de metas, que segue também uma ordem convencionalizada na nossa cultura de que sucesso é para cima e de que mais também é para cima. Compreendemos que a metáfora conceitual de A VIDA É UMA JORNADA está de acordo com as metáforas antológicas do sucesso, visto que, segundo Lakoff e Jhonson (1980), os valores fundamentais serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos convencionalizados.

Tais estruturas conceituais não apenas se manifestam na natureza dos gestos em coocorrência com o discurso, mas de fato são basilares que os indivíduos e falantes exerçam determinadas ações práticas em suas vi-

das cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis: O papel discursivo dos gestos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 1, p. 73-89, Campinas, jan./abr. 2017.

AVELAR, Maíra; MENDES, Paulo Henrique Aguiar. The Role of Gestures in the Construction of Multimodal Metaphors: Analysis of a Political-Electoral Debate. *RBLA*, v. 15, n. 2, p. 343-76, Belo Horizonte, 2015.

_____. O papel dos gestos de apontar na construção da dêixis multimodal: dos usos concretos aos usos abstratos. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 12, n. 1, p. 161-76, 2016. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 09/02/2022.

CIENKI, Alan. Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication. *Cognitive Linguistics*, p. 603-18, 2016.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

JOHNSON, M. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

MCNEILL, D. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, D.; CASSELL, J; LEVY, E. T. Abstract deixis. *Semiotica*, v. 95, n. 1, p. 5-19, Berlin: Walter de Gruyter, 1993.

MÜLLER, C. *Metaphors dead and alive, sleeping and waking: A Dynamic View*. Londres, Chicago: University of Chicago Press, 2008.